OS BEZERRA DE MENEZES
AS ORIGENS

Vinicius de Barros Leal

Vindos para o Ceará no início do século XVIII, os Bezerra de Menezes, de logo, tiveram preeminência e projeção no meio social em formação. Eram originários de Pernambuco e representavam aqui, os velhos troncos das mais tradicionais famílias de há muito radicadas em Olinda, Itamaracá, Goiana e Serinhaem. Nesses lugares e seus arredores, nos engenhos, viviam à lei da nobreza, na rica sociedade colonial que há mais de 1 século explorava o solo pernambucano. Muitos opulentaram-se na indústria açucareira, engradeceram-se na administração pública, nas letras, na religião e nas armas. Era relativamente recente a vitória contra os invasores holandeses e nos 50 anos que se seguiram à retomada das terras reconquistadas, houve tempo bastante para uma recomposição das famílias, para a reconquista e reorganização das propriedades confiscadas e a reparação de tudo que havia sido destruído, destroçado e aniquilado nos 30 anos de domínio batavo. Engenhos, casas, sítios, voltaram às mãos de seus antigos e legítimos donos.

O início da XVIII centúria, era também de uma nova visão desse povo tarimbado pelas lutas, engradecido pela vitória e vaidoso de seus feitos. O contato com o estrangeiro mais civilizado, deu-lhes uma visão diferente do Mundo, perspectivas mais amplas e certa perspicácia pelo convívio com o inimigo sobre quem teriam de agir com sagacidade, matreirice e inteligência. Formou-se, pode-se dizer, uma geração com atributos diversos dos das anteriores. Descortinavam agora, horizontes mais vastos, idéias estas, que os levaram até aos acontecimentos de 1711 e, mais tarde, de 17 e 24.

O açúcar, percebiam eles, um dia deixaria de ser, certamente, o que até então havia sido para a colônia: o granjeador de riquezas e opulências, o transformador da miséria em fausto, a nobilitante mercadoria procurada com tanta avidez nos mercados europeus. As terras já estavam enfraque-

cendo e era evidente que mais cedo ou mais tarde iriam render muito menos por hectare daquele nectar branco adoçante da aborrecida vida de seus fabricantes, presos à faina cansativa e rotineira do ramerrão dos banguês, fornalhas, tachos e bagaceiras.

Nessa época, muitos sertanistas continuamente traziam notícias das fabulosas glebas do Jaguaribe; não tanto pela excelência de suas terras, pois sabiam-nas sujeitas a estiagens. Mas, o campo aberto e a natureza de suas pastagens, ótimas para a criação de bovinos e eqüinos, enchiam de apetite os resolutos e corajosos futuros povoadores, que não dispunham de tanta terra para a acomodação de seus rebanhos.

A partir de 1680, mais ou menos, passaram, pernambucanos e baianos a solicitar datas de sesmarias no "sertam do Siará", para onde desejavam mandar seus gados, acompanhados de vaqueiros e escravos . . . Conforme a lei sesmarial, havia a obrigação de ocuparem, ou melhor, "de povoarem" as terras dentro de 2 anos, sob pena de cairem em comisso; era uma cláusula da doação. Povoar, significava isso mesmo; mandar alguns aderentes e escravos. Só mais tarde, sossegada a indiada, os parentes vieram também: primos, sobrinhos, ou mesmo filhos, aqueles que não tinham sido destinados para os morgados, nem para padres, doutores ou milicianos.

Bento Rodrigues Bezerra (ou Pereira), morava em Goiana, a cidade mais nobre de Pernambuco depois de Olinda. Nobreza aqui não significa que ali fosse um reduto de fidalgos acastelados, condes, barões ou de afetados titulares. Possuíam, sim, a consciência de que procediam de velhas linhagens enobrecidas por feitos heróicos ou provas de dedicação e afeição a antigos monarcas. Sabiam disso e sabiam também valer-se desses atributos em todas as ocasiões propícias. Alguns mesmos possuíam-nos; eram Fidalgos da Casa Real, Familiares do Santo Ofício e portadores de outros títulos e honrarias oriundos da magnificiência de Sua Majestade. A maior parte, no entanto, herdara de um antepassado mais ou menos longínquo o direito ao uso de insígnias e brasões, armas e escudos, ganhos pelos distantes avoengos nos campos d'África ou nas conquistas asiáticas; nas disputas dinásticas ou nos prélios com mouros e judeus. Era o caso dos Bezerra de Menezes. Seus primeiros ascendentes, vindos para o Brasil, traziam em suas bagagens de colonizadores, alguns títulos de ancestrais enredados nas conquistas ultramarinas ou dos enlaçamentos nos himeneus nobilitantes.

Comecemos pelo bisavô de Bento Bezerra, o vianês Domingos Bezerra Felpa de Barbuda. Nome exótico, estranho, significando, este último

apelido uma moeda cunhada no tempo do Rei D. Fernando e também um elmo muito usado no século XIV. Foi também nome de lugar no Paço de Regalados, no Entre Douro e Minho. O primeiro habitante dessa localidade foi Gonçalo Pires de Belmir, que acrescentou o locativo ao nome do primogênito. (Colonizadores Nordestinos, Carlos Paes Barreto, 348).

Domingos Bezerra, natural de Viana da Foz do Lima (Denunciações de Pernambuco, 272), ali nasceu em 1526, filho de Antonio Martins Barbuda e de D. Maria Martins Bezerra. Disse, perante o Tribunal do Santo Ofício, em Olinda que era "fidalgo de geração". Deve ter chegado na florescente colônia ainda muito moço, solteiro, pois, aí casou, com Brasia Monteiro, vinte e tantos anos mais moça que ele e filha de Pantaleão Monteiro, fundador do engenho de S. Pantaleão, na Várzea do Capibaribe. Este Pantaleão, dado como "judeu marrano" por Boxer, em "Os Holandeses no Brasil", era muito rico, senhor de muitas propriedades e de grande soma de bens, incluindo ouro, prata, jóias, etc. Foi patrão de João Fernandes Vieira, o conhecido e celebrado Insurgente-Mor, herói das campanhas de expulsão dos invasores. Contava-se na época, que Vieira, conhecedor dos esconderijos onde se encontravam as grandes riquezas de Monteiro, indicou-as a Jacob Stacouwer, ganhando assim a amizade e confiança dos da Companhia, possibilitando este fato a sua crescente importância e ascenção social, que de simples açougueiro, chegou à culminâncias de verdadeiro potentado. Stacouwer apoderou-se, assim, de 18.000 cruzados em dinheiro, ricas peças em ouro e prata, tudo desenterrado e usurpado pelo governador holandês (Diogo Lopes Santiago, História da Guerra de Pernambuco, 36).

Bento Bezerra casara com D. Petronilla Velho Menezes, de origem baiana, também descendente de tradicionais estirpes, ligada aos Telles, Barretos e Monizes, gente opulenta e de cabedal, de tão boa origem quanto o seu marido, igualando como ele em grandezas, honras, brasões e varonias. Do casal, foram filhos: 1 — João Bezerra Monteiro, casado com Joana Ribeiro de Lacerda e residentes em Goiana; 2 — Manuel Bezerra de Menezes, rendeiro do Engenho Sergipe e casado com D. Beatriz; 3 — Silvestre Bezerra de Menezes, casado com D. Joana Cavalcanti e residentes em Tejucupapo; 4 — Francisco Bezerra de Menezes, casado com D. Maria Madalena de Sá e Oliveira, também residentes em Goiana; 5 — Antonio Bezerra de Menezes, morador em Serinhaem; 6 — Jeronimo Bezerra de Menezes, casado com D. Maria de Melo Moura, meus

sétimos avós maternos, residentes na Várzea do Capibaribe; 7 — Bartolomeu Bezerra de Menezes, em Goiana; 8 — Bento Bezerra de Menezes, casado com D. Isabel de Menezes e que foram para o Rio de Janeiro; 9 — D. Joana Bezerra de Menezes que foi a primeira mulher de João de Sousa Pereira, vindo para o Aracati, também, meus ascendentes.

Como se vê, vários desses rebentos do prolífico casal teve vinculações estreitas com o Ceará. Na Zona Norte os descendentes de Jeronimo são os progenitores dos Linhares, Furtado de Mendonça, Lopes Freire, Xerez, Vasconcelos e tantas outras famílias de projeção. José Mariano, o quinto Presidente do Ceará era seu neto materno. No Aracati e Russas é imensa a progênie oriunda do casal João de Sousa Pereira — Joana Bezerra de Menezes! Gurgéis, Nogueiras, Castro e Silva e Ferreira, todos se encontram nesse liame comum. E no Cariri, nos brinda com uma boa amostra do quanto influiu no seu povoamento a gens aqui tratada, o brilhante artigo do General Div. Raimundo Teles Pinheiro, descendente direto dessa frondosa árvore linhagística, publicado no número 19 de "Itaytera".

Como é de notar, todo o Ceará recebeu sua parcela de sangue dessa gente brava e fecunda, podendo-se dizer hoje, que poucos são os cearenses de tradição que não sejam consagüíneos por este tronco genealógico. São dezenas de milhares o que se encontram nesta confluência genética.

Afirmei acima, que eram nobres, ou assim se consideravam. Viviam com certa fidalguia e tinham os primeiros postos na governança, lugares destacados nas cerimônias religiosas e nas confrarias, círculo fechado de amizades podiam usar espadas e trajes vistosos e especiais, cavalgaduras ajaezadas e séquito de escravos. Distinguiam-se pelo porte altaneiro, pelo linguajar lisboeta e o trajar de suas mulheres, elegante e gracioso. Em contraste com isto, o constante lidar com a cabroeira dos engenhos e a escravaria das senzalas, no entanto, pouco a pouco fê-los duros, às vezes cruéis, desagradáveis e ásperos. Exteriormente, pelo contrário, procuravam aparentar afabilidade de trato, mansidão de atitudes e propensão à condescendência e perdão. Sobretudo diante de seus capelães, ou nas desobrigas e visitas dos superiores eclesiásticos. A maioria, vivia mesmo, sem estilos ou maneirismos. A vida do engenho, de muita rudeza e primitivismo, levou-os até ao esquecimento dos hábitos de comezinhas atitudes sociais. Tornaram-se, circunstancialmente, rudes, grosseiros, indelicados, descortezes, e,

num crescendo de negatividades, muitos deles, chegaram até à incivilidade. Franklin Távora, que bem estudou e melhor escreveu sobre os hábitos dessa época, em seus livros romanceados mas de muito fundo histórico e de comprovada veracidade, traçou os perfis de muitas dessas personalidades. Bem nascidos, mas, comportando-se discordantemente, em desarmonia com a posição que ocupavam na sociedade colonial. Coisas do século XVIII. Capistrano os viu assim: "Pais despóticos, mães submissas, filhos aterrados". Isto em casa. Fora dela talvez não fosse melhor a impressão.

Estas afirmações são generalidades, às quais, em parte, certamente não escaparam os Bezerra de Menezes setecentistas. Modificações sociais posteriores fê-los retornar às atitudes e comportamentos de polidez e urbanidade.

Voltemos ao fundador da família: Domingos Bezerra Felpa de Barbuda. A nobreza de sangue desse primeiro Domingos Bezerra era evidente. Prestando ele depoimento perante a mesa inquisitorial do Santo Ofício, em Olinda, em 1593, foi claro. Disse: "sou cristão velho, natural de Viana da Foz do Lima, filho de Antonio Martins Barbuda e de sua mulher Maria Martins Bezerra, GENTE NOBRE, defuntos. Tenho de idade 68 anos e sou casado com D. Brasia Monteiro dos da governança desta terra, FIDALGO DE GERAÇÃO e morador na Várzea, freguesia de Nossa Senhora do Rosário, etc." (Den. Pco, pag. 271).

Existe a confirmação disso na própria Nobilarquia Pernambucana, de Borges da Fonseca (2o. volume, pág.345). O Capitão Amaro Bezerra, em 1728, recebeu, em Alagoas, onde residia, do Tabelião da Nobreza, numa pública forma, o atestado de sua ilustre varonia, solicitada 10 anos antes. E nessa ocasião lhe foi passado também, o traslado do Brasão e Fidalguia dos de sua grei . . . O Tabelião, em termos cartorários, diz que "os Bezerras nesses Reinos são Fidalgos antigos, de Casa d'Armas", aparentados dos Cabraes, da Casa dos Senhores de Belmonte, e, "sempre foram tratados à lei da nobreza e neles nunca houve raça de infecta nação". Eram, portanto, limpos de sangue, sem nenhuma mistura de mouros ou judeus. Este detalhe, no entanto, não durou muito. Sabemos de casamentos deles com pessoas da religião proscrita. As arcas recheadas de marranos casadouros, muitas vezes resolveu problemas embaraçosos, apagando diferenças, equacionando situações de ambas as partes. Mais adiante, no documento citado, temos conhecimento das Armas dos Bezerras: "Em campo verde, dois bezerros de ouro ondeante com os rabos sobre a anca, elmo de prata, aberto e guarnecido de ouro". Assinava, Manuel Leal, Rei d'Armas de

Portugual, e acrescentava: "as quais armas poderá usar como ato e sinal de sua nobreza e fidalguia e com eles gozar de todas as graças, mercês, honras, privilégios que pelos Senhores Reis deste Reino foram concedidas aos ditos Fidalgos e Nobres e dele e em especial as das ditas gerações e com elas poderão entrar em batalhas, pugnas e torneios e quaisquer atos, assim de Paz como de Guerra, podendo trazer em suas baixelas, reposteiros e assentos e nas portas de suas casas e quintas e deixá-las sobre a sua própria sepultura e finalmente, servindo-se e honrando-se delas, como à sua nobreza e fidalguia convém e como convém aos mais fidalgos e nobres deste Reino. Dada em Lisboa Ocidental, em 10 de julho de 1728. José da Cruz a escreveu".

Não precisava de mais nada. Este documento é do tempo da chegada dos primeiros Bezerras de Menezes ao Ceará. Vinham de Pernambuco e certamente tinham conhecimento das provas documentais recebidas pelo primo alagoano.

Pelas inquisições feitas por Amaro Bezerra, ficaram sabendo que descendiam em linha reta dos Condes de Altamira e Bento, o progenitor do grupo familiar cearense, era 8o. neto de Lopo Bezerra Moscoso, irmão do Conde de Ourém, personagem dos tempos de D. Fernando. Este nobre foi quem conseguiu as graças do Rei, passando de simples aldeião de uma Vila quase desconhecida, Corunha, a válido da Côrte. Chamava-se João Fernandes Andeiro. Teve ele a feliz iniciativa de propiciar ao Rei uma recepção, em sua modesta aldeia, já que ele vinha receoso de descontentamentos e possíveis desagravos. Andeiro, ao avistar o Rei, tomou a frente dos demais humildes habitantes do lugar. Melhor será dar a palavra a Braancamp Freire (em "Brasões de Cintra", I, 66.): "Sairam os moradores trazendo à frente João Fernandes Andeiro, que alegre acorria, bradando: "HU! vem aqui meu Senhor El Rei D. Fernando". "Eu som, eu som", acudiu pressuroso El Rei, chegando as esporas ao cavalo e adiantando-se aos mais. E pela primeira vez beijou Andeiro a mão a El Rei de Portugal!". Caiu nas graças de D. Fernando, conhecido pela sua prodigalidade e galanteria. O benefício veio rápido, mas o beneficiado não correspondeu a essa magnanimidade Real. E mais uma vez Braacamp Freire: "E quem diria então, ao ver aquele escudeiro de pobre vila de pescadores que ele viria um dia a ser Conde de Ourém e a calcar no coração da sua formosa Rainha o amor daquele Rei, tão gentil e garboso" . . . E o Conde terminou a sua vida miseravelmente assassinado, envolvido nas intrigas da Côrte. Não funcionou nem mesmo a influência de seus dois tios Bispos. Desta data,

surgiu o apodístico de "Barbuda" usado ainda pelos seus descendentes vindos para o Brasil. Tinha este nome, a moeda então cunhada por D. Fernando, e era também nome de uma localidade. A morte do Conde ocorreu em 1383. O seu irmão Lopo Bezerra herdou a varonia e quatro gerações ainda viveram em Portugual com todas as honras e privilégios.

Chegou a vez de colonizar e povoar o Novo Mundo. Duarte Coelho arregimentou o quanto pôde, homens de cabedal do Norte de Portugual, escolhendo especialmente, para as primeiras empreitadas de cunho industrial, que seria a cultura e exportação do produto da cana-de-açúcar, vultos de capacidade comprovada para o empreendimento e, sobretudo que tivessem cabedais suficientes para a grande empreitada. Não os procurou somente em Portugual. A Itália, a Holanda e a Alemanha foram convocadas para ajudarem-no no difícil labor a que afanosamente enfrentaria. Viana, foi a região que mais deu colonos para a expedição. Gente de muitas posses, aventureiros audaciosos, técnicos na indústria açucareira já bastante experimentados nas ilhas onde se cultivava a gramínea, e povo em geral, sem esquecer uma leva de cristãos novos que viam assim uma oportunidade de se livrarem das constantes inquirições do Santo Ofício.

O primeiro da família a chegar em Pernambuco foi Antonio Martins Barbuda e sua mulher D. Maria Martins Bezerra. Vieram na comitiva de Duarte Coelho, em 1535 e traziam alguns filhos, entre eles, Domingos Bezerra Felpa de Barbuda, Luiz Braz Bezerra e Guilherme Bezerra Felpa de Barbuda. Domingos deveria ter 9 anos de idade. Todos casaram em Pernambuco. O mais velho, Domingos, com D. Brasia Monteiro filha do já referido Pantaleão Monteiro; Guilherme, com Camila Barbalho e Luís Brás, com Mécia Gonçalves Bezerra. Este, foi degregado, mais tarde, para S. Tomé, tendo vivido, já depois de casado, em Viana, onde lhes nasceram os filhos. E o progenitor do ramo Bezerra Barriga; um outro clã que também muito se distinguiu na Nova Lusitânia.

O bisavô paterno de Bento Bezerra, o patriarca dos Bezerra de Menezes do Ceará, foi Domingos Bezerra Felpa de Barbuda, nascido em Viana, Foz do Lima, (Denunciações, 271), casado em Olinda, mais ou menos em 1567, sendo Brasia mais moça do que ele, 28 anos. Não consta ter sido casado uma primeira vez. Em 1569 nascia a filha mais velha do casal, Antonia, que aos 17 anos casou com Antonio Barbalho, "dos da governança". Outros filhos, foram: Fernão Bezerra, que casou com Maria Gonçalves Raposo; Francisco Monteiro Bezerra, casado com Maria Pessoa;

Domingos Bezerra Felpa de Barbuda que casou com Antonia Domingos Delgado, avós de Bento; Manuel Bezerra Monteiro casado com Margarida de Sousa; Gracia Bezerra, casada com Manuel Gomes Barreto e Maria Monteiro, casada com seu primo Antonio Bezerra.

Destes, interessa-nos, para o prosseguimento da genealogia dos Bezerra de Menezes cearenses, o segundo Domingos Bezerra e sua mulher Antonia Delgado, filha, ela, de Cosme Rodrigues e de D. Simoa da Rosa. Esta D. Simoa deve ser a mesma que praticou muitos atos de benemerência em Olinda, recebendo e amparando ordens religiosas novas que ali se estabeleciam. Certamente era cristã nova, irmã de Belchior da Rosa, que tão bem soube se insinuar nos meios ortodóxos, que chegou a ser procurador dos Jesuítas. Outros da mesma família, exerciam as profissões preferidas pelos "da nação": médicos, farmacêuticos e tabeliães.

Dos filhos de Domingos e Brasia, o que mais se distinguiu foi Francisco Bezerra Monteiro. Herói, de fato, dandó mostras freqüentes de seu valor, na defesa da Pátria. Dispendeu quase toda a sua fortuna e empenhou sua própria pessoa nos embates da luta. Preso, foi mandado para a Holanda, com toda a sua família, onde faleceu miseravelmente. Conseguiram voltar a mulher e alguns filhos, que, com a ajuda dos parentes, recuperaram alguma cousa. Antes de entrar nas refregas, no posto de Capitão, fora Vereador em Olinda.

Cosme Bezerra Monteiro e D. Simoa Bezerra foram filhos de Domingos Bezerra 2o. e sua mulher D. Antonia Delgado. O primeiro, casou com D. Leonarda Cavalcanti Albuquerque, oriunda das principais famílias da terra, e a segunda com o português Bento Rodrigues da Costa. E é deste último casal que todos os Bezerra de Menezes do Ceará procedem. Um filho de Cosme, o Padre Leonardo Bezerra bem cedo esteve no Jaguaribe, onde faleceu em 1771. Bento e D. Simoa, foram pais de: 1) Aleixo Bezerra Monteiro; 2) Bartolomeu Bezerra Monteiro e 3) Bento Rodrigues Bezerra. Este, casando-se com D. Petronilla Menezes, veio para o Ceará com alguns dos seus 9 filhos. Os que aqui ficaram e constituíram família, foram: Jerônimo Bezerra de Menezes, no Aracati-assu, casado com a pernambucana D. Maria de Melo Moura, e são os progenitores das mais tradicionais famílias da zona Norte. Joana Bezerra de Menezes, casada com João de Sousa Pereira, passaram a residir nas cercanias de Aracati, povoando intensamente o baixo Jaguaribe. Francisco Bezerra de Menezes, casado com Maria Madalena de Sá e Oliveira, teve profundas ligações com

os Xerez, Furna Uchoa e Madeira Matos de Sobral e arredores, e, por último, João Bezerra de Menezes, que através de sua filha Joana, foi o progenitor dos Bezerra de Menezes do Cariri.

Desde os primeiros anos de colonização de Pernambuco, os fundadores da família tiveram a mais viva atuação no meio social, administrativo e econômico. A partir da segunda metade do século XVI, Domingos Bezerra, o velho, instalou engenho de açúcar na Várzea do Capibaribe e passou a fabricar e a exportar para a Europa e disputada e valiosa mercadoria. Aumentou, de logo, os seus cabedais, dando mais destaque à família, vivendo com opulência e abundância. À chegada do Visitador Heitor Furtado de Mendonça, em 1593, já era evidente a sua projeção social. Por diversas vezes é citado nas Denunciações e, ele, mesmo, em pessoa, ali compareceu a 10 de maio de 1594, para denunciar outro patriarca, possivelmente seu rival ou competidor, o fazendeiro e senhor de engenho, Álvaro Velho Barreto. Foi nessa ocasião, que, ao qualificar-se, ofereceu os principais dados de sua identidade. Idade, filiação, naturalidade, profissão, estado civil, etc. Relatou fatos ocorridos há 13 anos passados, numa mesa de jogo, num serão em seu engenho na Várzea, quando Álvaro Barreto, agastado pela demora de um dos parceiros convidados, blasfemou, afirmando que "descria de Deus". Repreendeu-o ele, o amigo, mas, no fundo, deixou ficar o ranço de prováveis ressentimentos mais antigos, até a ocasião de uma possível desforra. Havia, mesmo, uma quizila entre o vianês Álvaro, fidalgo da Casa de Regalados e um dos filhos de Bezerra, por causa de uma partida de canas. E ambos eram contra-parentes: um irmão de Barreto era genro de Domingos. A querela, de tão somenos princípios, dominou a família. Paulo Bezerra, irmão de Antônio Bezerra Barriga, sobrinho de Domingos, também tinha suas contas a ajustar com Álvaro Barreto. A 17 de maio compareceu Paulo à mesa inquisitorial, para denunciar as imprecações do rival contra os sagrados dogmas da Santa Religião. Aí, o motivo da denúncia foi uma discussão sobre certa quantidade de açúcar. Tinham ido às vias de fato, insultaram-se maltrataram-se, mas, chegaram a um final feliz, com a divisão da mercadoria em partes iguais e... um jantar amistoso e cordial.

A 3 de junho, volta Domingos à mesa do Inquisidor. Fez, então muito esforço de memória para relatar fatos ocorridos há 35 anos... Morava, naquela ocasião, em Beberibe e tinha um vizinho, cristão novo

(Den. 285), que guardava os sábados. Nesses dias, não trabalhava, vestia as melhores roupas e isso o escandalizava. Não esqueceu de dizer também que havia tido "umas certas diferenças" com o judeu, por causa de uma pipa de cinza. E o mais interessante, o denunciado já havia falecido há 31 anos . . . Para a Inquisição isto nada significava, porquanto, o réu poderia ser queimado "em estátua".

Brasia Monteiro, mulher de Domingos, também teve suas dores de consciência. Foi ao Visitador, e isso se fazia com absoluta discreção, e declarou que era olindense, de 40 anos de idade e cristã velha. Esta última afirmação se choca com o que diz Boxer, em seu livro: "Os Holandeses no Brasil", onde assevera que o seu pai, Pantaleão, era judeu marrano. Aliás, não foi ela de espontânea vontade; chamaram-na, e parece ter sido esta, a do dia 1o. de junho de 1594, a segunda vez, porquanto afirmou, confusa e supresa, que "nada mais sabia do que já tinha afirmado nessa mesa" (Den. pág. 281). Vieram à baila as práticas judaizantes de Branca Dias e de suas suspeitadas bruxarias. Brazia, na época a que se repostava, morava perto da Matriz, era solteira e trabalhava na "lojea" de seu pai. Mais tarde, coisas do destino, uma sua filha casaria com o viúvo de uma das filhas de Branca.

Passada essa fase crucial da vida da metrópole pernambucana, rival de Lisboa em luxo e riqueza, tudo voltou ao normal, cada qual na sua faina habitual. Apenas os mexericos sobre o que teria ocorrido ou deveria ocorrer após a visita inquisitorial. Quem iria para os autos de fé, ou quem seria obrigado à abjuração pública ou condenado à eterna obrigação de usar o traje abjeto, o sambenito. Absolvições e condenações ocorreram, é verdade. Alguns foram levados para Lisboa e sofreram nas masmorras do Limoeiro "o pão que o diabo amassou".

No século XVII a família dicotomizou-se e ambos os ramos desenvolveram-se paralelamente. Os "Bezerra Barriga" tomaram o rumo das terras meridionais da Capitania e os Bezerra Felpa de Barbuda, nos velhos engenhos de Igarassu, Itamaracá e, sobretudo, Goiana. Os primeiros, mesclaram-se com os Camelos, Vieira de Melo e até mesmo com os primeiros Gurgéis do Amaral que vinham chegando do Rio, movidos pelas perseguições implacáveis de seus inimigos, que já haviam até assassinado o Padre Cláudio Gurgel do Amaral, o doador das terras do Outeiro da Glória, onde hoje se edifica a célebre Igreja, tão do agrado da família Imperial brasileira. A perseguição aos descendentes de Cláudio (ordenado depois de viúvo), chegou também às terras de seu refúgio e, aí, já unidos por casamentos de um filho de D. Maria Gurgel do Amaral com uma representante da família

Bezerra e com a proteção de Bernardo Vieira de Melo que governava o Rio Grande do Norte, emigraram para o Assu, onde nasceu o primeiro José Gurgel do Amaral, fundador da estirpe aracatiense.

Concluo o presente trabalho, sobre as origens de uma das famílias de maior tradição e destaque na nossa terra, os Bezerra de Menezes, com o reconhecimento de todas aquelas qualidades com que sempre se destacaram, desde os primeiros embates com o invasor holandês, quando muitos deram suas próprias vidas e suas liberdades pela nobre causa da nossa futura integridade nacional. Enobreceram-se na defesa da Pátria e da Religião. Após a Vitória, reconstruíram denodadamente tudo aquilo que parecia ter sido aniquilado para sempre e não mais poder ser recuperável.Engenhos incendiados, casas grandes destruídas, escravaria debandada. Recompuseram as suas propriedades e conseguiram um equilíbrio mais ou menos estável,nos anos subseqüentes. No século XVIII, na maior expansão da colonização, demonstraram fibra de desbravadores, de povoadores conscientes, de homens progressistas, que viam, antes de tudo, a expansão da Colônia e o desenvolvimento das nossas riquezas. Esta Pátria era deles, que a fizeram, que a conquistaram e a quem deram seu sangue generoso. Porisso, não trepidaram em apoiar os movimentos que prometiam uma Pátria livre, independente, desembaraçada de todo e qualquer liame que significasse opressão ou opróbio. Tanto no campo político, como na conquista da terra ainda inculta e por subjugar, todos os obstáculos foram vencidos e afastada a indisposição e rebeldia da indiada hostil. O século XVIII foi testemunha da determinação e bons propósitos dessa família que teve no início do século XIX, nos seus primeiros decênios, a intrepidez de apoiar todas as lutas daqueles haustos de independência que culminaram com os acontecimentos de 1817 e 1824 . . . Era uma maneira de homenagear a tradição tri-secular de honradez, coragem, brio e audácia, patrimônios sagrados de muitas gerações anteriores, que sempre primaram em legar aos pósteros a confirmação daquelas honrarias e distinções que lhes foram conferidas por monarcas e soberanos que sabiam premiar aqueles que dignificavam a Pátria, a Religião e o poder da Coroa nos campos de batalhas e nas pugnas gloriosas das lutas pela ascendência política, diplomática, social e econômica das Pátrias irmãs. Os méritos dessas virtudes, sempre presentes nos mais distantes descendentes dessa linhagem multi-secular, é patrimônio que deve e será sempre defendido. E a sua melhor recompensa será a admiração dessas virtudes, na consideração comum da dignidade e retidão de seus membros.

BIBLIOGRAFIA

Gomes, Padre Antônio. Povoamento do Cariri
Borges da Fonseca. Nobiliarquia Pernambuca
Boxer. Os Holandeses no Brasil
Braacamp Freire. Brasões de Sintra
Barreto, Carlos Xavier P. Colonizadores Nordestinos
Denunciações de Pernambuco. Soc Capistrano de Abreu
Santiago, Diogo Lopes. As Guerras de Pernambuco
Gurgel, Heitor. Uma Família Carioca do Século XVI
Jaboatão. Catálogo Genealógico
Linhares, Mário. Os Linhares
Augusto, José. Famílias Seridoenses. RIC
Sá, Murilo Bezerra. Famílias Cearenses. RIC, LX
Studart, Barão de. Dicionário Bibliográfico Cearense